

# **ENSINO DA ESCRITA ALFABÉTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS SUBJACENTES À PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Adriétt de Luna Silvino Marinho

Universidade Federal de Pernambuco

[adriettluna@gmail.com](mailto:adriettluna@gmail.com)

Eixo temático: Alfabetização e infância

## **RESUMO**

Investigaram-se estratégias de ensino da escrita alfabética em uma turma do último ano da Educação Infantil durante 5 aulas completas. Foram realizados testes (pré e pós) para identificar as hipóteses de escrita dos alunos. Os resultados apontaram que mesmo com atividades e estímulos diferenciados houve pouco avanço na construção de hipóteses sobre a escrita pelas crianças e evidenciaram pistas sobre que tipo de conhecimento as intervenções pedagógicas favoreceram entre o pré e o pós – teste.

Palavras – chave: Educação infantil. Escrita alfabética. Prática pedagógica.

## **ABSTRACT**

They investigated teaching strategies of alphabetic writing in a class of last year from kindergarten for 5 complete classes. Tests were performed ( before and after ) to identify possibilities of writing the students. The results showed that even with activities and different stimuli there was little progress in the construction of hypotheses about writing for children and revealed clues about what kind of knowledge pedagogical interventions favored between pre and post - test.

Key - words : Early childhood education . Alphabetic writing. Pedagogical practice

## **1. Introdução**

A discussão sobre a necessidade de integrar cuidado e ensino na educação infantil tem sido feita exaustivamente nos últimos anos, isso porque a concepção de criança e a forma de atendimento a ela dispensado vêm sofrendo mudanças significativas desde o início da Idade Moderna.

No Brasil, a educação infantil como modalidade de ensino é uma realidade recente, tendo seus pilares alicerçados com a promulgação da Constituição Federal de 1988 que

garante no inciso IV do artigo 208 o atendimento em creches e pré-escolas para as crianças de 0 a 6 anos. Desde então, aquilo que era realizado com o intuito único de cuidar das crianças enquanto seus pais trabalhavam, passou a ser considerado como uma etapa da educação formal. Se por um lado o direito garantido por lei pode ser considerado um avanço no que concerne ao direito da criança à educação desde muito pequena, por outro lado, uma série de dificuldades subjacentes ao trabalho com esta modalidade de ensino surgiu: o acesso, a formação docente, o currículo.

Embora a expansão da educação infantil seja real nos últimos anos, ainda há carência de instituições adequadas a esta faixa etária, sendo muitas vezes o atendimento realizado em prédios sucateados, que colocam em risco a vida dos pequenos, além de muitas vezes não conseguirem atender a demanda, deixando muitas crianças fora da escola. Além disso, muitos profissionais que atuam com esta população não têm formação adequada para tal, ou cuidam muito bem das crianças e não as ensinam ou as ensinam de modo a desconsiderar as especificidades da infância. Coloca-se em pauta a dicotomia “Educar – cuidar” na educação infantil, o que se reflete na angústia bastante recorrente entre as docentes que atuam com esta modalidade.

Uma das principais dificuldades relacionadas à formação do profissional que trabalha com a educação infantil, sobretudo nas redes públicas de ensino, encontra-se no que Correia e Santos (1996) salientam: “Nas escolas de nível socioeconômico inferior, o corpo docente tem formação para o magistério de primeiro grau. O quadro sofre grande flutuação, devido à falta de efetivação das professoras”. Uma frase escrita há tantos anos, mas, que continua refletindo a realidade da maioria das escolas brasileiras.

Devido à complexidade do tema e aos desafios da educação infantil, esta pesquisa buscou investigar como era desenvolvido o ensino da escrita alfabética em uma turma do último ano da educação infantil, série que antecede o 1º ano do Ensino Fundamental e que é destinada à alfabetização. Sendo assim, foram observadas 5 jornadas completas em uma turma do Município de Moreno/PE e investigadas as estratégias de ensino utilizadas pela docente a fim de promover a apropriação da escrita alfabética pelos alunos. Evidentemente, os resultados obtidos não generalizam a educação infantil no País, mas podem dar pistas sobre o que as crianças menores de 6 anos tem aprendido sobre a escrita na escola.

Apesar dos avanços a respeito da educação infantil, ainda há um longo caminho a percorrer, pois esta fase é vista por muitos como um período em que não é necessário ensinar

conteúdos específicos às crianças, outros acreditam que a “pré-escola” é um período preparatório em que a criança deve se adequar às formalidades da escola, então, qual seria o ponto de encontro dessas duas perspectivas? No momento em que o Ministério de Educação assume a proposta de uma iniciação sistemática à alfabetização no primeiro ano do ensino fundamental (BRASIL, 2006), ressalta-se a importância do aprendizado da escrita alfabética e o avanço no mundo das práticas letradas para os aprendizes desde o início da sua vida escolar.

Entende-se assim que, ao iniciar os “pré-escolares” em atividades as quais convivam com a escrita alfabética como um sistema notacional, seria mais adequado incluir a reflexão fonológica como parte das atividades de “reflexão sobre o funcionamento das palavras escritas” (MORAIS, 2006), ajudando as crianças a, ludicamente, começarem a observar certas propriedades do sistema (como a ordem, a estabilidade e a repetição de letras nas palavras), ao mesmo tempo em que analisam a quantidade de partes faladas e de partes escritas, bem como as semelhanças sonoras (MORAIS; LEITE, 2005; MORAIS, 2005).

Considerando que o contato das crianças com a linguagem escrita se inicia muito cedo, antes mesmo de ingressar na vida escolar, a escola tem um papel fundamental a fim de mediar a construção do conhecimento do sistema de escrita desde a educação infantil. Isso não significa que crianças com menos de seis anos tenham que ser forçadas a uma alfabetização precoce, mas, sim, a garantir aos alunos oportunidades para, ludicamente, atuarem como sujeitos da linguagem numa dimensão mais reflexiva, num contexto que não exclui seus usos pragmáticos e de puro deleite, através da leitura e exploração de textos e de palavras.

Pesquisas revelam que a criança constrói suas próprias hipóteses sobre o funcionamento da escrita e, mesmo diante dos erros cometidos, ela encontra sentido naquilo que escreve (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999). Ferreiro aponta ainda a necessidade dessa aprendizagem inicial envolver a compreensão de aspectos relacionados à escrita e suas propriedades, ou seja, não podemos tratar da língua escrita como um simples código a ser desvendado, pois “se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte na apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual” (FERREIRO, 1981, p.16).

Sendo assim, pode-se afirmar que a aprendizagem inicial da escrita pela criança envolve um todo complexo, em que o indivíduo terá de compreender as propriedades, convenções e funcionamento do Sistema de Escrita Alfabética, bem como a aprendizagem da

linguagem que se usa ao escrever (linguagem própria dos gêneros escritos), conforme demonstra Morais (2005; 2006).

Destaca-se, portanto, a relevância desse momento na vida das crianças que estão em idade considerada “pré-escolar” e sugere-se que se devam traçar caminhos nesse processo para ter-se clareza quanto ao que se quer obter; nesse caso, a apropriação da escrita pelos alunos no período destinado à alfabetização. Para isso, Morais (1989) afirma que um tipo de atividade essencial ao educando desde o início da alfabetização seria o contato intenso com diversos textos e a reflexão das relações letra-som das palavras, pois a tarefa de aprender a ler e escrever, segundo Bezerra (2008, p. 13), “exige da criança um considerável investimento cognitivo, uma vez que, o aprendiz deve ter um papel ativo na (re) construção de um sistema de representação”.

Nesse sentido, Coutinho (2005) afirma que “o principal desafio para este nível é auxiliar os alunos a perceber que a escrita representa os sons da fala, e não dos objetos em si com suas características”. Essa autora pontua como relevantes atividades que visem à exploração oral, e, sobretudo, a escrita de poemas, trava-línguas, parlendas e outros textos que possibilitem a identificação de sons iniciais e finais.

Morais & Leite (2005) defendem de que o desenvolvimento dessas distintas habilidades não se dá de modo uniforme no desenvolvimento infantil e que nem todas as habilidades fonológicas são necessárias ao processo de alfabetização. Contudo, algumas delas são necessárias para que o aluno possa melhor compreender o Sistema de Escrita Alfabética, como, por exemplo, as que envolvem a contagem de sílabas nas palavras, a comparação de palavras quanto à presença de sílabas iguais, a identificação de palavras que contenham o mesmo som inicial, a identificação de rimas etc.

Se as crianças começam a aprender a ler, escrever e refletir sobre os segmentos sonoros das palavras mesmo quando a escola ainda não as está alfabetizando, indaga-se se é propício favorecer a reflexão sobre a escrita e o desenvolvimento de habilidades relacionadas aos aspectos fonológicos da língua já nos anos finais da Educação Infantil. Acredita-se que sim, pois o domínio da escrita alfabética é condição necessária para participação efetiva nas práticas de leitura e escrita na sociedade em geral (CRUZ, 2008).

Considerando o exposto, os principais objetivos desta pesquisa foram:

Analisar atividades e intervenções pedagógicas que promoviam, entre as crianças da última etapa da educação infantil, o ensino do Sistema de Escrita Alfabética.

## **2. Metodologia**

### **2.1 Participantes**

Participaram da pesquisa 15 crianças de ambos os sexos, de baixa renda, matriculadas em uma turma do último ano da Educação Infantil de uma escola pública da Rede Municipal de Moreno/PE. Foram escolhidos para compor esta amostra os alunos que frequentaram todas as aulas observadas para que se pudesse traçar um perfil dos participantes.

### **2.2 Perfil da docente**

A professora responsável pela turma acompanhada recebeu o nome fictício Alice, a fim de que sua identidade seja preservada. Ela tinha, na ocasião da pesquisa, 21 anos de idade, era formada no antigo magistério (Normal Médio) e cursava Letras em uma universidade privada. A mesma afirmou que atuava na educação infantil há 1 ano e meio e que considerava esta fase escolar como uma preparação para a alfabetização.

### **2.3 Materiais e procedimentos**

Procedeu-se ao registro etnográfico, através de protocolos de aulas e gravação em vídeo ou MP3 das 5 jornadas escolares completas. Através dos registros e das observações, pode-se observar as atividades e intervenções docentes a respeito do acompanhamento dado aos seus alunos na construção do conhecimento do Sistema de Escrita Alfabética, além de melhor compreender a rotina da turma. Logo no início do contato com os alunos, foi realizada a aplicação do pré-teste para avaliar as hipóteses de escrita das crianças, este constou de um ditado de palavras, semelhante ao que propôs Ferreiro (1981), também foi verificado se escreviam o próprio nome com autonomia. No início do último mês após a observação em sala de aula, aplicou-se a segunda diagnose (idêntica à primeira).

Ao término da coleta de dados, iniciou-se a fase de análise dos protocolos de observações de aula de acordo com um glossário de categorias formulado a partir das atividades e situações didáticas presentes em cada aula observada.

### **2.4 Sistema de análise dos dados**

Empregando a análise temática de conteúdo (BARDIN, 1977), os protocolos foram examinados identificando as atividades de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética presentes, os tipos de habilidades contempladas e os modos de conduzir as atividades de linguagem com os alunos. Sendo assim, a metodologia utilizada nesta investigação pauta-se

numa abordagem *quali-quantitativa*, cuja técnica de construção dos dados envolve a *análise de conteúdo qualitativa* e a quantificação de dados buscando a confirmação de hipóteses.

As atividades praticadas pela professora serão contrastadas com os desempenhos revelados pelos alunos nos diagnósticos pré e pós-teste. Estes dados poderão evidenciar pistas acerca do efeito que as pedagogias praticadas na Educação Infantil têm sobre o rendimento dos alunos no processo de construção e apropriação da escrita alfabética.

Os protocolos dos diagnósticos realizados pelas crianças e as estratégias de ensino utilizadas foram analisadas por dois juízes independentes que procederam conforme o sistema de análise proposto a seguir:

### ***Análise da prática da professora***

*A prática da professora foi analisada por meio das observações de suas aulas e dos registros etnográficos, sendo os protocolos de aula cuidadosamente examinados a fim de se “mapear” as atividades direcionadas ao ensino do Sistema de Escrita Alfabética. Mediante a frequência e ao uso das estratégias didáticas, foram formuladas as seguintes categorias de análise:*

---

#### **Categoria**

Ensino do nome das letras

Exploração da ordem alfabética

Treino caligráfico

Treino das “famílias”

Identificação de letra inicial ou final das palavras

Comparação de palavras com letras iguais ou diferentes

Leitura de letras

Leitura de sílabas

Leitura de palavras

Cópia de sílaba

Cópia de palavra ou frase

Escrita de palavras

---

### *Análise das respostas dos alunos*

- *Tarefa 1: ditado de palavras*

Esta tarefa teve por objetivo investigar como as crianças concebiam a escrita na ocasião da pesquisa. Sendo assim, foram consideradas as seguintes hipóteses de escrita, a partir das contribuições de Ferreiro e Teberosky (1999):

Pré- Silábica (PS) – A criança ainda não compreende que existe relação entre a escrita e a pauta sonora.

Silábica Quantitativa (SQt) - Ao ler o que produziu, procura ajustar as sílabas orais da palavra às marcas gráficas que notou, estabelecendo uma correspondência entre a quantidade de letras utilizadas e a quantidade de sílabas das palavras, contudo, sem valor sonoro convencional.

Silábica Qualitativa (SQI) – A criança faz a relação entre a quantidade de letras utilizadas e a quantidade de sílabas das palavras, com valor sonoro convencional.

Silábico - Alfabética (SA) - A criança começa a perceber que uma única letra não é suficiente para representar as sílabas e recorre, simultaneamente, a duas hipóteses: a silábica e a alfabética.

Alfabética (Al) - A criança compreende que se escreve com base em uma correspondência entre sons menores que as sílabas (fonemas) e letras (Morais & Silva, 2010).

- *Tarefa 2: escrita do nome próprio como souber*

O objetivo dessa tarefa foi acompanhar, por meio de registro formal, a evolução da escrita do nome próprio pelas crianças entre o pré-teste e o pós-teste. Para tanto, logo após a realização do ditado (Tarefa 1) era solicitado à criança que escrevesse o seu nome do jeito que soubesse, foram consideradas corretas as respostas cujas assinaturas foram completas e com letra cursiva (Não foi observado o uso de letras maiúsculas e minúsculas, por considerar este um conteúdo além do esperado para a educação infantil).

### 3. Resultados

Os resultados da pesquisa serão apresentados mediante os dados em cada item: Análise da prática docente e Análise das respostas dos alunos.

#### 3.1 Análise da prática

Ao analisar a frequência das atividades de ensino do sistema de escrita, verificou-se que houve uso de várias estratégias didáticas. A Tabela 1 apresenta as atividades referentes ao ensino do Sistema de Escrita Alfabética frequentes na prática docente no total de 5 dias letivos.

Tab.1 Distribuição das atividades de ensino do sistema de escrita alfabética nas cinco aulas observadas

<b>Ensino do nome das letras</b>	7
<b>Exploração da ordem alfabética</b>	1
<b>Treino caligráfico</b>	3
<b>Treino das “famílias”</b>	3
<b>Identificação de letra inicial ou final</b>	12
<b>Comparação de palavras com letras iguais ou diferentes</b>	2
<b>Leitura de letras</b>	3
<b>Leitura de sílabas</b>	3
<b>Leitura de palavras</b>	2
<b>Cópia de sílaba</b>	1
<b>Cópia de palavra ou frase</b>	9
<b>Escrita de palavras</b>	2
<b>Total de atividades do SEA</b>	48

No que concerne à prática docente, constatou-se que a professora explorava várias estratégias didáticas a fim de dinamizar o ensino aos pequeninos. Conforme os dados dispostos na Tabela 1, houve predomínio das atividades que visavam à identificação de letra inicial e final das palavras (25%), seguida de cópias de palavras ou frases (18,75%) e depois o ensino do nome das letras (14,6%).



As atividades mais frequentes na prática da professora Aline até promoviam alguns conhecimentos sobre o Sistema de Escrita, chegando a ajudar os aprendizes a elaborar hipóteses sobre o funcionamento da língua escrita, contudo, não estimulavam substancialmente a reflexão sobre os segmentos sonoros, e sobre a relação som-grafia do português.

Segundo Cardoso-Martins e Batista (2005), algumas crianças falantes do português podem utilizar o seu conhecimento do nome das letras em suas tentativas de conectar a escrita à fala, uma vez que, muitas palavras usadas nas literaturas infantis e no próprio idioma têm letras cujos nomes correspondem à forma oral da palavra. Nesse sentido, torna-se importante ensinar o nome das letras para os alunos da educação infantil, estimulando-as a identificarem as mesmas em sílabas, palavras e textos. Ainda assim, tal conhecimento, embora importante, não pode ser responsável sozinho pela compreensão sobre a escrita alfabética, uma vez que não dá conta da complexidade da notação alfabética.

Chamou atenção o uso excessivo de cópias de palavras ou frases, que, em cinco dias de aula, foram praticados 9 vezes, se também for levada em consideração a atividade de cópia de sílaba, ao todo os alunos fizeram 10 atividades de cópia em 5 dias, que, no total de 48 atividades relacionadas ao ensino da escrita alfabética, totalizam 20,9%. Além das atividades de cópia, havia as atividades de treino das “famílias”, e o treino caligráfico, em que os alunos eram solicitados a desenharem as letras que formavam o padrão silábico, sendo exigida a caligrafia perfeita. Embora essas atividades fossem realizadas sob a forma de ditados, do apoio de músicas e até mesmo de brincadeiras que envolviam a coordenação motora, o procedimento era tão mecânico quanto à cópia, conforme se observa no trecho abaixo:

*“...ela fez uma letra B bem grande no chão e disse ‘Eu quero ver quem vai conseguir andar em cima da letra B, eu vou chamar um por um, tem que andar bem direitinho seguindo a linha. Essa é a letrinha B maiúscula de forma, a gente faz assim, e sobe, depois faz duas voltinhas’. Ela continuou fazendo as letras no chão (a sala estava organizada em círculo) e disse: ‘Aqui é a letra B minúscula de forma, faz um tracinho e embaixo faz uma curvinha. Agora prestem atenção, essa aqui é a letrinha maiúscula cursiva, começa aqui embaixo, sobe, faz uma curvinha no meio e faz outra curvinha. Essa outra aqui é a letrinha B minúscula cursiva, sobe assim e lá em cima da uma voltinha e desce, depois sobe um pouquinho e faz uma curvinha’. Ao terminar de traçar as letras, Aline convidou os alunos de dois em dois para caminharem sobre elas”.*

Embora as atividades de treino e de cópia não sejam prejudiciais ao desenvolvimento dos alunos, considera-se que o tempo pedagógico em turmas da educação infantil deveria ser mais bem aproveitado no sentido de estimular os alunos a observarem as propriedades do sistema de escrita, ajudando-as a pensarem no que a escrita representa e como ela cria representações. Por este motivo, há outras habilidades que poderiam ter sido exploradas com esta turma rumo à apropriação da escrita alfabética enquanto os alunos, por exemplo, caminhavam em cima de letras desenhadas no chão.

Habilidades como comparação de palavras quanto à presença de letras iguais ou diferentes foram exploradas apenas duas vezes ao longo das cinco aulas observadas na turma da professora Aline. Esta estratégia possibilita que, ao comparar palavras, as crianças comecem a perceber singularidades e alguns princípios do Sistema de Escrita Alfabética. Por exemplo, ao comparar palavras quanto ao número de letras ou sílabas, elas poderiam descobrir que o tamanho da palavra escrita não está ligado ao sentido real que ela representa. Esse conhecimento torna-se um valioso instrumento no auxílio aos alunos que ainda estão ligados ao realismo nominal (Cf. CARRAHER e REGO, 1981).

Quando a comparação gira em torno da presença de letras iguais ou diferentes, a mobilidade das letras passa a se tornar mais clara para a criança, principalmente aquela que acredita que determinada letra é de “fulano” ou de tal objeto. O fato de muitas vezes estimular-se em casa e na escola a pensar, por exemplo, na letra “A” de avião, às vezes, faz as crianças achar que essa letra está “presa” apenas à palavra avião ou até mesmo ao objeto.

Sendo assim, ao não estimular os alunos a compararem palavras, a professora perdeu a oportunidade de ajudá-las a perceber que as letras podem estar em diferentes palavras e em diferentes lugares dentro da mesma palavra.

Também não foram realizadas atividades de identificação de rimas, aliterações, contagem de letras, sílabas e palavras. Essas atividades poderiam proporcionar ao aluno a reflexão sobre as partes sonoras da palavra. Ao identificar uma rima, por exemplo, a criança começa a perceber que segmentos sonoros semelhantes tendem a ser escritos de forma semelhante.

Segundo Brandão e Leal (2010), “Os jogos e as atividades fonológicas chamam a atenção da criança sobre sílabas, rimas, fonemas, ou seja, sobre segmentos sonoros no interior das palavras.” No entanto, em nenhuma das aulas observadas, as crianças foram convidadas a refletirem sobre a natureza da escrita alfabética e a refletir sobre os aspectos fonológicos da língua de modo sistemático, também não foram realizados jogos de linguagem, apesar de a escola ter a caixa de jogos do CEEL/UFPE em sua biblioteca.

A atividade de identificação de letras poderia ser mais bem utilizada se não fosse destinada apenas ao ensino de determinada letra ou família silábica. Ainda de acordo com as autoras, subjacente a esse tipo de trabalho (com as famílias) na Educação Infantil está a ideia de que a aquisição da leitura e escrita corresponde à aquisição de um código de transcrição (BRANDÃO e LEAL, 2010).

Para ilustrar como ocorriam as atividades, segue um extrato da 3ª observação de aula:

*... A professora Aline<sup>1</sup> começou a aula: “Gente, a semana passada nós conhecemos qual letrinha do alfabeto?” A turma respondeu: B! “Muito bem,” disse a docente, “a letra B, vamos ver se estão lembrados: B com A faz...”*

*C.: Bááááá*

*P.: B com E faz...*

*C.: Bééééééé*

*P.: B com i faz...*

*C.: Bíííííí*

*P.: B com O faz...*

*C.: Bóóóóóó*

*P.: e B com U faz...*

*C.: Búúúúú*

*Após a revisão oral da “família” do B, Aline disse: “A gente está aprendendo a letrinha B, vamos agora dizer tudo de novo?” E prosseguiu: “Ba,Be,Bi,Bo,Bu...”. A essa altura, alguns alunos cochilavam ou tentavam conversar.*

A escrita espontânea e a leitura de diversos textos não foram observadas em nenhuma das 5 aulas sendo o foco da atenção da docente o treino caligráfico e das famílias silábicas, porém essas atividades fornecem um conhecimento muito abstrato para a criança da educação infantil, chegando a ser meramente técnico e estético.

Ainda assim, a professora “Aline” tentava diversificar suas atividades em sala, tornando-as um pouco mais lúdicas. Porém, ao analisar as estratégias utilizadas e os objetivos didáticos, percebe-se que ela considerava o ensino da língua como o ensino de um código, e que a Educação Infantil, para ela, era apenas como um período preparatório para o Ensino Fundamental.

---

<sup>1</sup> Nome fictício a fim de preservar a identidade do sujeito

### 3.2 Análise das respostas dos alunos

Cada uma das tarefas propostas aos alunos tinha objetivos diferenciados, portanto, seguem os resultados obtidos em cada tarefa:

- Tarefa 1 – Ditado de palavras.

As crianças foram avaliadas com base na Psicogênese da língua escrita, proposta por Ferreiro (1981). Para esta coleta, foram consideradas cinco hipóteses de escrita. A Tabela 2 registra a evolução quanto ao nível de escrita dos alunos no período de 4 meses (antes das observações de aula e depois).

Tabela 2 – Evolução da Escrita

Hipóteses	Março	Junho
Pré- Silábica (PS)	13	13
Sil. Quant. (SQt)	-	-
Sil. Quali. (SQI)	1	-
Sil.Alf. (SA)	1	1
Alfabética (Al)	-	1

Conforme aponta a Tabela 2, não houve evolução no nível de escrita PS, esse fator é preocupante, uma vez que, na última etapa da Educação Infantil, deveria haver um maior cuidado em ajudar os pequenos aprendizes a perceberem a língua como sistema notacional, a descobrirem certas propriedades do Sistema de Escrita Alfabética. Tal dado nos confirma que o ensino, nesta turma, era voltado para a estética e a cópia. Sendo assim, após 4 meses, os resultados revelaram que a tinha excepcionais copistas, mas, quando se tratava de compreensão sobre a escrita, a maioria dos alunos ainda não percebia as relações da notação escrita com a pauta sonora.

Baptista (2010) afirma que a educação infantil deve assumir um papel importante na formação de leitores e de usuários competentes do sistema de escrita, respeitando a criança como produtora de cultura. Logo, o trabalho nesta fase escolar deveria ser voltado para atividades lúdicas e prazerosas, mas que também promovessem um ensino reflexivo, considerando a criança um sujeito cognoscente, capaz de produzir e não apenas reproduzir.

Os estudos da Psicogênese da Língua Escrita (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999) mostram como as crianças formulam hipóteses para explicar o funcionamento desse sistema, sobretudo porque elas se interessam em conhecê-lo e desejam dele se apropriar.

### **3.3 Escrita do nome próprio**

Geralmente, a preocupação primeira dos profissionais que lidam com a educação infantil está no reconhecimento e na escrita do nome próprio da criança. Muitas vezes, essa preocupação gira em torno de cumprir determinados critérios ou requisitos determinados por seus supervisores, coordenadores, e até mesmo pelos pais das crianças, que anseiam pelo momento de ver suas pequenas crianças assinando seus nomes em seus trabalhos. A professora “Aline” também se preocupava com isso e insistia com seus alunos para que escrevessem as letras corretamente, copiando da ficha todos os traçados de forma legível e fazia isso sistematicamente, todos os dias, em todas as atividades que os alunos realizavam.

Analisando as assinaturas dos alunos da professora “Aline”, constatou-se um considerável avanço nesta habilidade. Uma vez que na primeira coleta apenas 4 alunos conseguiam escrever seus nomes completos e corretos sem auxílio de ficha, o que correspondia a 26,7% dos alunos. Na segunda coleta, este número subiu para 10, ou seja, 66,7%.

É certo que a escrita do nome próprio na etapa inicial de alfabetização promove de maneira significativa a inserção das crianças no universo da escrita, uma vez que este é o primeiro repertório estável com o qual a criança se depara, formando uma espécie de banco de dados que a criança pode consultar para escrever novas palavras. Por isso, nas turmas de 4 e 5 anos, o nome próprio deve ser objeto de reflexão sobre o próprio sistema de escrita, assim, à medida que vão se apropriando da escrita do seu nome, as crianças podem perceber singularidades do sistema de escrita, percebendo suas regularidades (como quantidade de letras, disposição e mobilidade das mesmas e a combinação dos sons que formam sílabas e palavras).

### **Considerações**

O conjunto de dados gerados por esta pesquisa sugere uma discussão em torno dos avanços e das dificuldades pertinentes à prática na educação infantil. Primeiramente, defende-se aqui que a hipótese de escrita alfabética não deve ser um alvo para a educação infantil, podendo acontecer, mas sem que haja preocupação excessiva com a alfabetização dos alunos. Por outro lado, considera-se que o ensino da língua, nesta fase, deve ser voltado à reflexão sobre a escrita, sobre os segmentos sonoros e as unidades linguísticas. Para isso, o trabalho lúdico com a linguagem e o uso de jogos seria de suma importância nessa fase e ajudaria as

crianças a perceberem regularidades da escrita alfabética. Brincando com a língua as crianças elaboram hipóteses e percebem propriedades da escrita, formulando e reformulando suas concepções sobre a língua escrita.

O que se percebeu na prática da docente é que havia o desejo de realizar atividades diferenciadas, de tornar prazeroso o ensino aos pequeninos, mas faltava-lhe a compreensão sobre o que seria essencial que seus alunos aprendessem na última etapa da educação infantil, pautando seu ensino em métodos e práticas que muitas vezes demandavam muito tempo e quase nada ajudava as crianças a construírem conhecimentos significativos a respeito da escrita, de modo que pudessem entender o que a escrita representa e como ela cria representações. Confirma-se isso analisando os protocolos dos alunos quanto ao ditado de palavras, sendo o resultado final quase idêntico ao inicial, evidenciando que em 4 meses de intervenção docente a maioria das crianças permaneceu tendo uma hipótese de escrita pré-silábica.

Com relação aos registros dos nomes dos alunos, observou-se o movimento contrário, sendo o aumento de 40% das crianças que já assinavam seus nomes. Mas, como utilizar esses conhecimentos de modo que auxiliem as crianças a avançarem em suas hipóteses sobre a escrita? Por que alunos que avançaram na escrita do nome próprio continuaram com uma hipótese de escrita pré-silábica?

Uma possível explicação pode estar no fato de que o trabalho com o nome próprio, embora ocorresse de modo sistemático, era feito de modo mecânico e tinha seu foco na perfeição caligráfica. Muitos alunos escreveram seus nomes, mas quando era solicitado que escrevessem uma palavra com a letra inicial do seu nome não eram capazes de transpor esse conhecimento, porque não foram ensinadas a comparar palavras, porque a escrita espontânea não era considerada nas aulas e muitos alunos tinham medo de escrever, para não errar e a professora apagar.

Diante do exposto, considera-se um dos principais desafios para a educação infantil uma formação docente que garanta ao professor suporte didático e também o acesso a artigos e textos acadêmicos, de modo que o profissional que atua com crianças tão pequeninas saiba preparar suas aulas contemplando os objetivos específicos para cada ano escolar, considerando as especificidades de cada turma e tendo a habilidade para criar estratégias diversas de desdobramento para o mesmo conteúdo a ser ensinado.

Por fim, o uso de diferentes estratégias e recursos por parte da docente não garantiram o avanço dos alunos rumo à apropriação da escrita alfabética, o que suscita no seio da discussão sobre a educação infantil a importância de se repensar concepções e práticas presas

à visão de língua com um código, passando a pensa-la e ensina-la com sensibilidade de modo a favorecer as crianças da educação infantil espaço para tratar da língua escrita como um objeto de conhecimento e ter em sua sala de aula um ambiente de reflexão em que os alunos possam elaborar novas hipóteses sobre a escrita.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Mônica Correia. *Anais do I seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais* - Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16110&Itemid=936](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16110&Itemid=936), acesso em 27/07/2012.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Porto: Edições 70, 1977.

BEZERRA, V. S. S. B. *Jogos de análise fonológica: Alguns percursos na interação de duplas de crianças*. Universidade Federal de Pernambuco. Dissertação de Mestrado em Educação. UFPE, 2008.

BRANDÃO, A.C.P. & LEAL, T.F. Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: o que isso significa? In BRANDÃO, A.C.P. & ROSA, E. C. S. (Orgs) *Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010 (Língua Portuguesa na Escola; 2).

BRANDÃO, A.C.P. & ROSA, E. C. S. (Orgs) *Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010 (Língua Portuguesa na Escola; 2).

BRASIL - Ministério da Educação do Brasil. *Ensino Fundamental de 9 anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: MEC, 2006, v. 1, pp. 69-83.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: 1988. <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10650040/artigo-208-da-constituicao-federal-de-1988>, acesso em 30/04/2015.

CARDOSO-MARTINS, C. and BATISTA, A.C.E. O conhecimento do nome das letras e o desenvolvimento da escrita: evidência de crianças falantes do português. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. vol.18, 3: 330-336, 2005.

CARRAHER, T. N. e REGO, L. L. B. O realismo nominal como obstáculo na aprendizagem da leitura. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo (39): 3-10, Nov. 1981.

CORRÊA, N. ; SANTOS, A. Em Busca da maturidade: o fracasso escolar e suas bases psicológicas. *Educação em Revista*, 3: 4-7, 1996.

COUTINHO, M.L.; *Práticas de Leitura na Alfabetização de crianças: o que dizem os livros didáticos? O que fazem as professoras?* In: 28ª Reunião Nacional da ANPED, 2005, Caxambu. Anais da 28ª Reunião Nacional da ANPED, 2005.

CRUZ, M. do C. S. 2008. *Práticas de alfabetização no 1º ciclo do ensino fundamental: o que os alunos aprendem?* 31ª reunião da Anped – GT 10. Caxambu, MG.

FERREIRO, E. *Reflexões sobre a Alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1981.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A.; *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

MORAIS, A. G. & SILVA, A.. Consciência fonológica na Educação Infantil: desenvolvimento de habilidades metalinguísticas e aprendizado da escrita alfabética. In BRANDÃO, A.C.P. & ROSA, E. C. S. (Orgs) *Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010 (Língua Portuguesa na Escola; 2).

MORAIS, A. G. . Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização?. In: MORAIS, A.G; ALBUQUERQUE, E.B.C. & LEAL, T.F.. (Org.). *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. 1, p. 29-46.

MORAIS, A. G. O desenvolvimento de habilidades de reflexão fonológica em adultos e jovens pouco escolarizados: seu papel no aprendizado do sistema de escrita alfabética. In: LEAL, T.; ALBUQUERQUE, E. ( Orgs.) *Desafios da educação de jovens e adultos: construindo práticas de alfabetização*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAIS, A.; LEITE, T. Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos? In: MORAIS, A; ALBUQUERQUE, E; LEAL, T. (orgs.). *Alfabetização apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAIS, Artur Gomes de. Consciência Fonológica e metodologias de alfabetização. In: *Presença pedagógica*. Vol. 12. n.70. págs 58-67, 2006.